

A CONTRIBUIÇÃO DA ESCOLA ESTADUAL DE EDUCAÇÃO ESPECIAL Dr. REINALDO FERNANDO CÓSER PARA O DESENVOLVIMENTO DO ALUNO/A SURDO/A PERTENCENTE À FAMÍLIA OUVINTE

Vanise Mello Lorensi¹

Melânia de Melo Casarin²

Esse artigo apresenta a Monografia de Especialização do Curso de Educação Especial da Universidade Federal de Santa Maria, intitulada “A contribuição da Escola Estadual de Educação Especial Dr. Reinaldo Fernando Cóser para o desenvolvimento do aluno/a surdo/a pertencente à família ouvinte”. Trata-se de uma investigação qualitativa, que aborda a contribuição da escola para surdos no desenvolvimento do aluno/a surdo/a pertencente à família ouvinte.

Ao longo de minha trajetória profissional e com minha vivência diária como professora da Educação Infantil, que recebe o aluno surdo de família ouvinte, e que geralmente tanto o aluno como a família, chega à escola sem conhecimento da língua de sinais, da cultura das comunidades surdas e, sobretudo, observa-se nelas, insegurança em relação à educação de seu filho/a surdo/a, apresentando inquietações e dúvidas.

A realidade explicitada acima não é diferente na Educação Infantil da Escola Estadual Dr. Reinaldo Fernando Cóser, onde os alunos/as surdos/as não tiveram contato com a língua de sinais antes de sua inserção na escola.

Diante dessa realidade apresentada, justifica-se essa pesquisa que busca mostrar o quanto o ambiente escolar é lingüístico e culturalmente

¹Aluna do Curso de Especialização em Educação Especial, habilitação Deficientes da Audio-comunicação da Universidade Federal de Santa Maria.

²Orientadora, Prof^a Assistente no Dep. de Educação Especial, UFSM.

favorável à aquisição e desenvolvimento tanto da língua de sinais quanto da identidade surda.

A maior queixa, por parte dessas famílias, diz respeito às dificuldades de comunicação e de entendimento entre eles, visto que os pais usam a língua oral, e os filhos, por serem surdos, têm dificuldades de compreender e adquirir a língua de seus pais.

Alguns pais argumentam que se sentem despreparados para a tarefa de educar seus filhos em relação ao estabelecimento de limites e transmissão de noções de valores e de hábitos.

Conseqüentemente, isso gera um conflito na família, pois os filhos/as surdos/as adquirem uma língua, a língua de sinais, que não é a mesma de seus pais.

Esse universo familiar tão adverso lingüística e culturalmente, as necessidades dos alunos/as surdos/as suscitam em mim o seguinte questionamento: qual a contribuição da escola para surdos para o desenvolvimento dos alunos/as surdos/as pertencentes às famílias ouvintes?

A partir deste questionamento, a pesquisa teve como objetivo geral, conhecer a contribuição da escola para surdos para o desenvolvimento do aluno/a surdo/a pertencente à família ouvinte.

Os objetivos específicos:

1. mostrar os resultados da aprendizagem da língua de sinais a partir do contato inédito do aluno/a surdo/a no ambiente bilíngüe;
2. mostrar para a família a importância do aprendizado da língua de sinais;
3. investigar a interação pais ouvintes e aluno/a surdo/a matriculados na escola para surdos.

Nas últimas décadas, embasada em sócio-antropológicos, surgiu uma proposta educacional comprometida com a educação bilíngüe dos sujeitos surdos, assumindo, segundo Góes (1999), “a língua de sinais como primeira da criança surda que deve ser aprendido o mais cedo possível; como segunda língua está aquela utilizada pelo grupo social majoritário”. (p. 43). O bilingüismo é hoje adotado na grande maioria das escolas do Rio Grande do Sul.

A comunidade surda que emergiu da necessidade de lutar pelos direitos dos surdos. É um espaço de encontro e de formação de discursos. Um espaço valorativo da cultura surda.

A cultura surda, cultura visual e pelo uso de uma língua espaço-visual, representada pelo teatro surdo, poesia surda, as tecnologias que vieram a serviço dessa comunidade cultural. Identidade surda construída na interação cotidiana com a comunidade surda e tendo como identificatório a língua de sinais.

Neste contexto pós-moderno, identidade hoje, é pensar em identidade surda móvel, flexível. A identidade surda construída e reconstruída, nas maneiras como é representada e interpelada no meio social.

Os surdos são diferentes de acordo com o lugar onde estão inseridos. Os dos grandes centros urbanos são mais envolvidos na comunidade surda e têm mais chance de escolaridade em relação aos surdos das pequenas cidades. Há também diferenças entre os surdos dos estados brasileiros (Miranda, 2001).

Segundo Perlin:

as identidades dos sujeitos surdos também não são todas iguais. Há os sujeitos surdos que nasceram surdos e que jamais tiveram contato auditivo; há sujeitos surdos que nasceram ouvintes e que ficaram surdos em decorrência

de doença; há os sujeitos surdos que aprenderam comunicação visual e há os sujeitos surdos que foram impedidos de aprender comunicação visual sinalizada com as mãos. Há outros sujeitos que tem alguma dificuldade em ouvir e que não sabem se são surdos ou ouvintes. Eles são os deficientes auditivos, não se misturam a surdos nem a ouvintes (2000, p. 60).

Para que se efetive de fato a abordagem bilíngüe, é imprescindível o convívio com os surdos adultos, fluentes em língua de sinais, efetivando naturalmente a aquisição da língua de sinais. Assim, o contato dos alunos com os surdos adultos e também com seus pares, possibilita-se que recebam o influxo cultural, intelectual e lingüístico de sua comunidade, através das interações como seus pares, surdos da mesma idade e surdos adultos, possibilitando a eles a construção da identidade. (Mello, 2003).

Sobretudo, é importante que a família ouvinte perceba a comunidade surda como uma aliada, no sentido que transmitir a seu filho/a surdo/a, a língua de sinais e neste contato com a comunidade surda a família terá a oportunidade de aprender a língua de sinais, bem como entender, compreender e aceitar o seu filho/a surdo/a e a comunidade cultural que pertence o mesmo.

A família é o primeiro núcleo, a qual recebe e acolhe o pequeno ser. É no seio familiar que o novo ser humano tem suas necessidades inatas de sobrevivência e relacionamentos supridos, apresentando condições de se desenvolver e aprender. As famílias possuem, singularidades próprias, sendo organizadas em diferentes maneiras, independente de classe social, conforme Parâmetros Curriculares Nacionais - PCNs, que nos trazem alguns tipos de constituição familiar no nosso país. Cabe à família promover o desenvolvimento biopsicossocial de seu filho, pois é o meio familiar que

exerce grande influência sobre a criança. É importante para a criança uma estrutura familiar A partir do nascimento equilibrada, que a ame e veja nela potenciais a serem desenvolvidos.

De acordo com o Ministério da Educação:

Sabe-se que os primeiros meses da vida de um bebê são essenciais para um desenvolvimento saudável. Nesta fase, o bebê necessita de um contato intenso com a mãe. É importante que a mãe e o pai conversem com o bebê, toquem carinhosamente nele. A estimulação sensorial é essencial para seu desenvolvimento e contribui para prevenção de parte dos comprometimentos, quando ele tem, por exemplo, alguma necessidade especial (2004, v. 4, p.12).

Esses fatores de satisfação física e mental suprido colaboram para a formação da auto-estima da criança e a auxiliarão na formação de sua personalidade, definindo, posteriormente, suas atitudes frente às situações adversas, e aos relacionamentos sociais, pois, “nos primeiros três anos de vida, a criança forma mais de 90% de suas conexões cerebrais, por meio da interação do bebê com estímulos do meio ambiente” (MEC/SEESP, 2004, v. 1, p. 3).

Um dos papéis da família está na formação dos conceitos, de valores e na construção de limites, baseados no respeito mútuo e no afeto. Para tanto, a família e a escola são a base da formação da criança, e é de fundamental importância que caminhem juntas. A família deve acompanhar sistematicamente o desenvolvimento de seus filhos, e a escola deve estar ciente de que atualmente se tem um mundo diverso de constelações familiares, nucleares ou não. Tanto uma como a outra, deve agir com ternura, amor, mas com firmeza nas atitudes, decisões, pois uma não invalida a outra, mas ambas

devem dar continuidade à formação do indivíduo, responsável, crítico e cidadão.

A criança surda tem o direito de ser compreendida pelos seus pais e de receber deles dados lingüísticos necessários para que ocorra seu desenvolvimento lingüístico inicial (no período de aquisição da língua natural). E os pais, por serem ouvintes, tão logo descubram a surdez de seu filho, devem dar a possibilidade de mútua compreensão, procurando aprender e usar a língua de sinais, para que possam se comunicar nas atividades de vida diária e nas interações entre pais e filhos.

A criança possui capacidade de desenvolver a linguagem, a qual está ligada ao desenvolvimento global da inteligência, da motricidade, afetividade e socialização.

Para Novaes:

linguagem, conjunto de sinais intencionalmente expressivos, é instrumento de pensamento, de expressão emocional e, sobretudo de interação social, feita através da comunicação de interesses, crenças, conhecimentos, aspirações e ideais comuns aos indivíduos e às gerações que se sucedem (1982, p. 202).

É no meio social, convivendo com as pessoas que formam sua comunidade lingüística, sendo exposta à língua natural, que aprenderá com facilidade na interação com surdos mais experientes em língua de sinais.

A língua se utiliza um sistema de signos verbais (na modalidade auditivo-oral para as comunidades de língua oral) e no caso dos surdos, a língua de sinais (na modalidade espaço-visual).

A língua é um código lingüístico adquirido e compartilhado pelos membros pertencentes a mesma comunidade lingüística e cultural, na qual

interage e comunica seus anseios comuns.

Para Bakhtin lingual é um “sistema semiótico criado e produzido no contexto social e dialógico, servindo como elo de ligação entre o psiquismo e a ideologia” (*apud* Goldfeld 1997, p. 23).

Trata-se de uma pesquisa na área das Ciências Sociais e Humanas, caracterizando-se como uma pesquisa qualitativa e descritiva.

Segundo Minayo:

nas Ciências Sociais existe uma *identidade entre sujeito e objeto*. A pesquisa nessa área lida com seres humanos que, por razões culturais, de classe, de faixa etária, ou por qualquer outro motivo, têm um substrato comum de identidade com o investigador, tornando-os solidariamente imbricados e comprometidos (1998, p.14).

Realizei a pesquisa, investigando dois grupos de sujeitos. Neste momento, passo a apresentação dos sujeitos que a compõem.

O grupo 1 são três (03) alunos/as surdos/as, com idade cronológica de quatro a cinco anos, que foram observados no horário das aulas da Educação Infantil, matriculados na Escola Estadual de Educação Especial Dr. Reinaldo Fernando Cóser.

Devido ao contato diário e contínuo com os alunos/as surdos/as sujeitos dessa pesquisa (o grupo 1 de sujeitos), adotei, como instrumento de coleta de dados, a observação participada e diário de campo.

Para Feil:

A observação participante e de outros procedimentos que também são utilizados em outras metodologias de caráter qualitativo/interativo, ou seja, aquelas que garantem o convívio do pesquisador, no contexto natural com os atores sociais informantes, coparticipando de situações vivenciadas e construídas por eles no seu meio (1995, p. 7).

O grupo 2 de sujeitos da pesquisa é formado por um pai e duas mães de alunos/as surdos/as ingressos pela primeira vez na escola. Para este grupo, foi empregada a entrevista semi-estruturada, com perguntas abertas (versando sobre o relacionamento com seus filhos/as surdos/as, as representações sobre a surdez e os surdos).

Como mencionado na metodologia, o grupo 1 de sujeitos da pesquisa, serão denominados por “Luciana”, “Ana” e “Vinícius”. Foram usados nomes fictícios para preservar suas identidades. O grupo 2 de sujeitos foi constituído por duas mães e um pai dos sujeitos do grupo 1, os quais foram denominados pela letra inicial de seus nomes e de seus respectivos filhos. São o sujeito “R”, sujeito “G” e sujeito “C”.

A análise estará apresentada em dois contextos sociais, usando as seguintes categorias:

- Aluno/a surdo/a e sua família ouvinte.
- Aluno /a surdo/a na escola.

Aluno/a surdo/a e sua família ouvinte

A primeira categoria procurou-se conhecer a interação do aluno/a surdo/a e sua família ouvinte. Será apresentada sob três aspectos. O primeiro diz respeito ao conflito existente na família pela limitação na comunicação. O sujeito “C” retrata esses acontecimentos: *“quando ele pede algo, principalmente quando é algo que deseja comer, e eu não entendo, ele fica bravo, joga as coisas em mim. E quanto mais coisas eu ofereço, para tentar encontrar o que ele deseja, mais furioso fica”*.

O sujeito “G” descreve: *“eu procuro entender o mais rápido possível,*

para evitar os gritos. Todos da família procuram ajudar a resolver logo a situação”.

A mãe sabe que “Ana” grita muito, então procura atender imediatamente à solicitação da filha, pois os vizinhos reclamavam dos gritos dela.

Nas falas, o que transparece é o sofrimento vivido pelas famílias ouvintes com seus filhos/as surdos/as por sentirem dificuldades de estabelecer um diálogo, ficando a comunicação, por parte da criança, resumida em apontamentos, gritos.

O segundo aspecto analisado, diz respeito ao interesse da família em aprender a língua de sinais. O sujeito “G” fala: *“gostaria de aprender a língua de sinais. Acho muito importante para entendê-la em casa. E aprender a lidar com ela. Ela vai aprender na escola e depois chega em casa e ninguém vai entendê-la”.*

A mãe demonstrou que há necessidade do uso da língua de sinais para obter uma comunicação mais fluente com sua filha e para ter subsídios lingüísticos necessários a orientá-la nos diversos assuntos. De acordo com a mãe:

Leia o relato do sujeito “C”: *“eu pretendo aprender a língua de sinais para poder explicar as mudanças da vida dele como da minha”.*

Ela demonstra preocupação com o seu relacionamento no futuro com o filho surdo, visto que necessita de uma comunicação em que ambos possam se entender. Ela tem uma angústia própria de mãe, que quer estabelecer um diálogo para com seu filho, explicar as coisas para ele. O Sujeito “R” nos fala que: *“eu acho difícil achar tempo. E também é muito distante a minha casa da escola, É difícil, mas não impossível”.*

Faz-se urgente o aprendizado da língua de sinais, pois o seu papel é de

máxima importância na educação seus filhos. O sucesso, no processo educacional da criança, depende, em grande parte, das ações dos pais, por serem eles quem mantém o maior contato com a criança surda e influenciam na educação. Eles servem de modelo para seus filhos, e o aprendizado da língua de sinais irá reforçar os laços afetivos com seus filhos/as surdos/as.

O terceiro aspecto analisado é a representação em relação aos surdos.

Leia o comentário do sujeito “G”: *“imagino as pessoas surdas tristes. Pensa, sem ouvir, não falar. Acho que é terrível, não entender os gestos das bocas. Ser surdo é muito triste, não?”*

De acordo com as colocações anteriores dessa mãe, muda-se a representação que tem sobre sua filha e mostra as dificuldades vividas entre eles no seio familiar.

A partir do entendimento da surdez como experiência visual e o sujeito surdo como usuário da língua de sinais, abre-se espaço para problematizar a questão da patologia e reforçar as noções de identidade e cultura surda.

O sujeito “C” retrata a desinformação em torno da surdez, como podemos observar em seu depoimento: *“eu achava que iria ficar dentro de casa sem utilidade. Tratados como deficientes mentais pela família, não arrumando serviço, não estudar”*.

Nesse depoimento, percebe-se que a mãe não via perspectivas positivas para o desenvolvimento de seu filho, pois a surdez ainda está atrelada à deficiência, vista como algo a ser recuperado, com poucas possibilidades de futuro.

O sujeito “R” nos diz: *“conheço uma surda que tentou se matar. Tenho medo de depressão. Existe muita discriminação”*.

No depoimento do sujeito “R”, apareceu o preconceito em relação aos sujeitos surdos, que são vistas como pessoas instáveis e discriminadas pela

sociedade.

Aluno/a surdo/a na escola

Para esta categoria dois aspectos foram elencados para representar em sua totalidade. O primeiro diz respeito a:

A contribuição da escola para uma mudança positiva nos relacionamentos familiares. O sujeito “R”: *“a ‘Luciana’ é uma criança que, quando entrou para a escola ela não sabia se comunicar direito, mas hoje nós vemos que ela mudou bastante. Ela fala e faz sinais, explicando-se melhor. Está aprendendo a língua de sinais. Percebo o retorno no seu desenvolvimento”*.

Nesse depoimento, pôde ser visto que a “Luciana” estabeleceu trocas significativas com seus pares em situações interativas cotidianas na escola. Para o sujeito “G”: *“espero tudo de bom. O pouco tempo ela já melhorou uns 70% do que ela era. Melhorou do modo de conviver em casa, está mais calma”*.

E o sujeito “C”: *“chega em casa feliz, contando coisas, e faz os sinais das letras. Sinto que meu filho está se tornando mais feliz, porque encontrou amor, carinho, atenção e respeito. Ele está cada vez mais carinhoso e aprendeu a dividir as coisas. Agradeço por tudo e vou fazer o possível para cooperar nesta felicidade”*.

O segundo aspecto analisado nesta categoria é a contribuição da aquisição da língua de sinais nas relações familiares. Para o sujeito “G” sua filha: *“está mudada, está mais calma. Quando está passeando com a família mostra-se educada. Coisa que antes não dava para sair de casa. Ir na pracinha então! Voltava para casa arrastada, gritando. Agora faço o sinal de*

” acabou” e ela vem comigo, sem choro”.

E o sujeito “C”: *“chega em casa feliz, contando coisas, e faz os sinais das letras. Sinto que meu filho está se tornando mais feliz, porque encontrou amor, carinho, atenção e respeito. Ele está cada vez mais carinhoso e aprendeu a dividir as coisas. Agradeço por tudo e vou fazer o possível para cooperar nesta felicidade”.*

As considerações finais ratificam a contribuição da Escola Estadual de Educação Especial Dr. Reinaldo Fernando Cóser para o desenvolvimento dos alunos/as surdos/as, bem como para sua família ouvinte, através do elenco das duas categorias denominadas de filho/a surdo/a e sua família ouvinte e o aluno/a surdo/a, que foram preestabelecidas pelo universo investigado.

No âmbito familiar, verificou-se um conflito gerado pela ausência de um código lingüístico compartilhado, que será superado no momento em que o filho/a surdo/a for realmente aceito por sua família ouvinte, e esta reconhecer o valor da língua de sinais e a necessidade de aprender a mesma para se comunicar com seus filhos/as surdos/as.

Observando essa realidade, faz-se a urgência de informar as famílias ouvintes com seus filhos/as surdos/as sobre a importância da língua de sinais para o desenvolvimento lingüístico e cognitivo dos mesmos e, que através dela, receberão os conhecimentos educacionais e culturais. Sendo assim, o filho/a surdo/a necessita da interação, no meio físico e social, com seus pares para a aquisição da língua de sinais.

O que se evidenciou, na análise das variáveis investigadas e observadas, é que as famílias ouvintes mostraram, de forma significativa, dificuldades em se relacionar e aceitar a surdez em seu meio. Aos poucos, após o contato com a escola, a visão clínica e a representação em relação aos surdos se alteram, vai se desvelando para melhor, inclusive em relação ao aspecto educacional, pois

começaram a perceber outras possibilidades, criando perspectivas positivas.

Fica aqui o registro de que há muito a ser realizado na aceitação, por parte da família, em relação às pessoas surdas. Para começar a mudar essa realidade, a escola e a Associação dos Surdos de Santa Maria têm um caminho a ser percorrido e buscado em prol da aceitação e legitimação da cultura surda, identidade surda e da língua de sinais.

Esta pesquisa comprovou que as crianças surdas chegam à escola com insuficientes meios lingüísticos para expressar seus sentimentos e seus desejos. Mas essa situação altera-se rapidamente, pois se percebeu que a criança, no contato com seus pares, adquire rapidamente a língua de sinais, por identificar-se com ela e usa-la fluentemente nas dimensões simbólica e comunicativa através da língua de sinais. Percebeu-se, também, que o desenvolvimento lingüístico é rápido e é acompanhado do desenvolvimento cognitivo.

Diante disso, as atividades desenvolvidas em sala de aula fizeram com que o sujeito investigado percebesse a sinalização e, conseqüentemente, houvesse evolução na sua comunicação, ultrapassando a comunicação restrita dos apontamentos.

Conclui-se que o aluno/a surdo/a é extremamente beneficiado pelo ambiente escolar, pois é através desse universo que inicia o uso da língua de sinais, devido aos mesmos não terem acesso e nem convívio com a comunidade surda antes do ingresso na escola. A partir do contato do aluno/a surdo/a com o educador surdo, usuário experiente em língua de sinais e membro da comunidade surda; do aluno/a surdo/a com o professor ouvinte, que utiliza metodologias e estratégias de ensino visando ao desenvolvimento global; do aluno/a surdo/a com os colegas, em trocas significativas, verificou-se a importância desses contatos interativos, situacionais, ocasionais para a

explosão do vocabulário em língua de sinais, a efetiva aquisição dessa língua, bem como noções de regras sociais, convívio em grupo, respeito e solidariedade.

É importante salientar que os alunos/as surdos/as, sujeitos dessa pesquisa, apresentaram um notável progresso lingüístico. Daí se conclui que o processo educacional de aquisição da língua de sinais dá-se pela interação com seus pares mais fluentes nessa língua, e que os mesmos se encontram no período das múltiplas combinações, ou seja, estão no período da chamada explosão do vocabulário.

A experiência vivida pelos alunos no ambiente escolar demonstra o quanto a escola oportuniza o encontro dos alunos com seus pares, favorecendo as conversas em língua de sinais. É neste ambiente que os alunos/as surdos/as têm efetivo acesso às histórias infantis, sinalizadas pelo educador surdo, o que torna possível o recontar da história através da dramatização e do uso da língua de sinais.

Para demonstrar o quanto a escola tem feito para o desenvolvimento lingüístico, cultural e social de seus alunos/as surdos/as, faz-se importante colocar que as atividades realizadas este ano com os alunos da Educação Infantil, serviram para o sucesso da aprendizagem dos mesmos e que possibilitaram suas identificações lingüísticas, culturais e sociais e também a ampliação do conhecimento de mundo.

Compreendo que esta temática não se esgota aqui, que muitos estudos devem ser realizados para alcançarmos a educação que almejamos, solidificando as bases pedagógicas em uma educação de qualidade, considerando que somente através da educação iremos formar cidadãos com valores morais e éticos.

BIBLIOGRAFIA:

BRASIL. Ministério da Educação. **Educação inclusiva: a família**. ARANHA, Maria Salete Fabio (org.). Brasília: MEC, SEESP, 2004. v. 4.

____. Ministério da Educação. **Educação inclusiva: a família**. MONTE, Francisca Roseneide Furtado do. (coord.). Brasília: MEC, SEESP, 2004. v. 1.

____. Ministério de Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. **Referencial curricular nacional para a educação infantil**. Brasília: MEC/SEF, 1998.

CHIZZOTTI, Antonio. **Pesquisa em ciências humanas e sociais**. 4ª ed. São Paulo: Cortez, 2000.

ESCOLA ESTADUAL DE EDUCAÇÃO ESPECIAL DR. REINALDO FERNANDO CÓSER. **Projeto político pedagógico**. Santa Maria, 2001.

FEIL, Iselda. **Cadernos de Pesquisa**. Programa de Pós-Graduação em Educação. Mestrado / Universidade Federal de Santa Maria. Centro de Educação. Curso de Mestrado em Educação. Nº 65 Santa Maria, 1995.

FELIPE, Jane. O desenvolvimento infantil na perspectiva sociointeracionista: Piaget, Vygotsky, Wallon. In: CRAIDY, Carmem